

JAVIER CERCAS

TERRA ALTA

Romance
vencedor do
Prêmio Planeta



TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

JAVIER CERCAS TERRA ALTA

PRÊMIO PLANETA 2019

TUSQUETS
EDITORES

Tradução

Mariana Marcoantonio

TUSQUETS
EDITORES

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Javier Cercas, 2019
Copyright © Editorial Planeta, S. A., 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright © Mariana Marcoantonio
Todos os direitos reservados.
Título original: *Terra Alta*

Preparação: Thais Rimkus
Revisão: Mariana Rimoli e Laura Folgueira
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Vivian Oliveira
Capa: Adaptada do projeto gráfico original de Compañía
Imagem de capa: Silas Manhood / Trevillion Images

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Cercas, Javier
Terra Alta / Javier Cercas; tradução Mariana Marcoantonio. – São Paulo:
Planeta, 2021.
304 p.

ISBN 978-65-5535-455-3
Título original: Terra Alta

1. Ficção espanhola I. Título II. Marcoantonio, Mariana

21-2598

CDD 863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção espanhola

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

TUSQUETS
Para Raiül Cercas e Mercè Mas, minha Terra Alta
EDITORES

Sumário

11 PRIMEIRA PARTE

149 SEGUNDA PARTE

TUSQUETS
EDITORES

PRIMEIRA PARTE

TUSQUETS
EDITORES

1

Melchor ainda está em seu gabinete, cozinhando no fogo baixo de sua própria impaciência para terminar o período da noite, quando o telefone toca. É o companheiro de guarda na entrada da delegacia: há dois mortos na chácara dos Adell, anuncia.

— Os da gráfica Adell? — pergunta Melchor.

— Os próprios — responde o agente. — Sabe onde moram?

— Perto da estrada de Vilalba dels Arcs, não é?

— Exato.

— Temos alguém lá?

— Ruiz e Mayol. Acabaram de telefonar.

— Estou indo para lá.

Até esse momento, a noite vinha bem tranquila, como de costume. A essa hora da manhã, não resta quase ninguém na delegacia e, enquanto Melchor apaga as luzes, fecha o gabinete e desce a escada deserta vestindo seu paletó, a calmaria é tão densa que lhe traz à memória seus primeiros tempos ali, na Terra Alta, quando ainda era viciado no estrondo da cidade e o silêncio do campo o despertava, condenando-o a noites de insônia combatidas à base de romances e soníferos. Essa lembrança lhe traz uma imagem esquecida: a do homem que ele era quatro anos antes, ao chegar à Terra Alta; também lhe traz uma evidência: a de que aquele indivíduo e ele são duas pessoas diferentes,

tão opostas quanto um malfeitor e um homem que respeita a lei, como Jean Valjean e senhor Madeleine, o protagonista duplicado e contraditório de *Os miseráveis*, seu romance favorito.

Ao chegar ao térreo, Melchor busca na armaria sua Walther P99 de nove milímetros e uma caixa de munição, dizendo a si mesmo que faz muito tempo que não lê *Os miseráveis* e que naquele dia terá que se conformar com o fato de não tomar café da manhã com a esposa e a filha.

Já na garagem, entra em um Opel Corsa e, enquanto sai da delegacia para o parque infantil que há diante dela, liga para o sargento Blai.

— Reze para o que você tem a dizer ser muito importante, espanhol de merda — grunhe o sargento, com a voz embriagada de sono.

— Se não for, eu o penduro pelo saco.

— Tem dois cadáveres na chácara dos Adell — diz Melchor.

— Os Adell? Quais Adell?

— Os da gráfica Adell.

— Mentira...

— É sério — diz Melchor. — A patrulha acabou de ligar. Ruiz e Mayol já estão lá. E eu estou a caminho.

Bruscamente desperto, o sargento Blai começa a lhe dar instruções.

— Não me diga o que fazer. — Melchor o interrompe. — Só me confirme uma coisa: ligo para Salom e para os peritos?

— Não, dos telefonemas cuido eu. Temos que avisar Deus e o mundo. Encarregue-se de preservar a cena, isolar a casa...

— Tranquilo, sargento. — Melchor volta a interrompê-lo. — Em cinco minutos chego lá.

— E eu, em meia hora — diz o sargento Blai. E, como se já não falasse com Melchor, e sim consigo mesmo, resmunga: — Os Adell, puta que pariu. Vai ser um fuzuê.

Sem ligar a sirene nem pôr as luzes no teto do Opel Corsa, Melchor dirige a toda velocidade pelas ruas de Gandesa, que a essa hora estão quase tão desertas quanto as escadas e os corredores da delegacia. Quase, porque, de vez em quando, ele passa por um ciclista vestido de ciclista, por um corredor vestido de corredor, por um carro que não se sabe se está voltando de uma longa noite de sábado

ou começando um longo domingo. Amanhece na Terra Alta. Um céu cinzento preludia uma manhã sem sol e, na altura do hotel Piqué, Melchor dobra à esquerda e sai de Gandesa pela estrada de Vilalba dels Arcs. Lá, acelera e, poucos minutos depois, sai da via asfaltada, tomando um caminho de terra que, cem metros adiante, desemboca em uma chácara. É rodeada por um muro de pedra, alto e protegido com cacos de vidro, praticamente coberto por hera. O portão da chácara, comprido e de metal marrom horizontal, está entreaberto e, estacionada na frente dele, há uma viatura cujas luzes piscam na alvorada; perto do veículo, Ruiz parece consolar uma matrona de traços indígenas, que chora sentada em um banco de pedra.

Melchor desce do carro e pergunta a Ruiz o que aconteceu.

— Não sei — responde o patrulheiro, apontando para a mulher.

— Esta senhora é a cozinheira da casa. Foi ela quem telefonou. Diz que tem dois mortos lá dentro.

A mulher treme dos pés à cabeça e, imersa em lágrimas, soluça apertando as mãos apoiadas no colo. Melchor tenta acalmá-la e lhe faz a mesma pergunta que fizera a Ruiz, mas a única resposta que obtém é um olhar de terror e um balbúcio ininteligível.

— E Mayol? — pergunta Melchor.

— Lá dentro — responde Ruiz.

Melchor pede para o companheiro isolar a entrada e ficar ali, cuidando da mulher e esperando o resto. Então, entra pelo portão da casa, vigiado por duas câmeras de circuito fechado, e avança a passos rápidos por um caminho que dá em um jardim bem cuidado – entre a grama crescem salgueiros, amoreiras e cerejeiras, roseiras, dedaleiras, margaridas, peônias, lírios, gerânios, violetas e jasmims –, até que, ao se virar, vê a fachada do velho edifício de três andares, com uma grande porta de madeira, varandas gradeadas e o sótão aberto, suas janelas unidas por uma cornija decorada. Apoiado em um dos batentes da porta, Mayol o avista e, com as pernas ligeiramente flexionadas e as mãos segurando a pistola – o azul-escuro de seu uniforme recortado contra o ocre escuro da fachada –, por gestos, parece ordenar que ele se aproxime.

Melchor saca sua pistola enquanto reconhece o desenho barroco de um pneu na terra do caminho, que se alarga até formar um terraço diante da porta entreaberta.

— Você entrou? — pergunta Melchor, apoiando-se no outro batente da porta.

— Não — responde Mayol.

— Tem alguém lá dentro?

— Não sei.

Melchor observa que a fechadura da porta não foi forçada. Então, observa Mayol: está suando em bicas e tem o medo estampado nos olhos.

— Vem atrás de mim — diz.

Melchor chuta a porta e entra na casa. Seguido por Mayol e tomando todas as precauções, inspeciona, na penumbra, o andar de baixo: um saguão com um cabideiro, uma grande arca, estantes com livros, poltronas, um elevador, um banheiro, dois quartos com guarda-roupas, camas intactas e bacias de cerâmica, uma adega bem abastecida. Na sequência, sobe ao primeiro andar por uma escadaria de pedra que desemboca em uma grande sala iluminada por um único lustre pendente. O que vê ali o faz mergulhar, durante longos segundos, em uma inquietante sensação de irrealidade, da qual só consegue se livrar com o gemido agoniado de Mayol, que vomita no chão.

— Meu Deus! — balbucia o patrulheiro enquanto ainda cospe uma gosma repugnante, mistura de bile e restos de comida. — O que aconteceu aqui?

É a primeira cena de assassinato que Melchor presencia desde que chegou à Terra Alta; antes, presenciou muitas, mas não se lembra de nada semelhante.

Duas massas ensanguentadas de carne vermelha e violácea se encontram frente a frente, em um sofá e uma poltrona ensopados de um líquido grumoso – misto de sangue, vísceras, cartilagem, pele – que também respingou nas paredes, no chão e até na moldura da lareira. No ar paira um violento cheiro de sangue, carne atormentada e suplício, além de uma sensação estranha, como se aquelas quatro paredes tivessem preservado os uivos do calvário a que assistiram; ao

mesmo tempo, Melchor acredita sentir na atmosfera – e isso talvez seja o que mais o perturba – certo aroma de exultação ou euforia, algo que ele não tem palavras para definir e que, se tivesse, talvez definisse como o rastro festivo de um carnaval macabro, de um ritual demente, de um jubiloso sacrifício humano.

Impressionado, Melchor avança até essa dupla mistura espantosa, tomando o cuidado de não pisar em evidências (no chão há dois pedaços de pano rasgados e ensopados de sangue, que sem dúvida serviram para amordaçar alguém), e, diante do sofá, adverte à simples vista que os dois vultos sanguinolentos são cadáveres meticulosamente torturados e mutilados de um homem e uma mulher. Tiraram os olhos deles, arrancaram as unhas, os dentes e as orelhas, cortaram os mamilos, abriram o ventre de cima a baixo e puxaram suas tripas e as espalharam ao redor. À parte isso, basta ver o cinza esbranquiçado do cabelo e a flacidez descarnada de seus membros (ou do que resta deles) para compreender que se trata de dois idosos.

Melchor poderia observar aquele espetáculo durante horas, à luz astênica do ambiente.

— São os Adell? — pergunta.

Mayol, que ficara alguns metros atrás, se aproxima, e ele repete a pergunta.

— Acho que sim — responde o patrulheiro.

Melchor viu os Adell algumas vezes, em fotos de jornais regionais e publicações da comarca, mas nunca pessoalmente, e não é capaz de reconhecê-los sob aquela carnificina.

— Fique aqui e que ninguém toque nada — diz a Mayol. — O sargento Blai deve chegar logo. Vou dar uma olhada.

A casa é enorme, parece cheia de cômodos e foi remodelada de um jeito que, para Melchor, parece saída de uma reportagem de revista de arquitetura, preservando a velha estrutura e modernizando o resto. Entre o primeiro andar e o segundo, em um quartinho que talvez tenha sido uma despensa, Melchor encontra um painel com vários monitores desligados; é o quarto dos alarmes, e estão todos desativados.

Dirige-se ao segundo andar e entra em uma vasta sala retangular com seis portas, das quais duas estão escancaradas. Atrás da primeira,

há um quarto de casal onde reina um caos de saque: a cama foi despojada de lençóis, travesseiros, colchas e colchões, que jazem em um canto, cortados e amontoados; as mesinhas de cabeceira, as cômodas e os guarda-roupas foram revirados e esvaziados com brutalidade; há cadeiras, poltronas e sofás por todos os lados, roupa de cama, roupa de vestir e roupa íntima, além de pedaços de plástico, vidro e metal que – Melchor comprova após examinar – são restos de celulares despedaçados e desprovidos de seus chips; há frascos de remédios, cremes, pomadas, sapatos, tênis, revistas, jornais, papéis impressos, restos de xícaras e copos, porta-joias vazios; um belo crucifixo de madeira e marfim, uma pintura a óleo do Sagrado Coração de Jesus e várias fotografias familiares em molduras de prata foram arrancados das paredes e jogados no chão de ladrilhos hidráulicos. Melchor deduz que aquilo é o quarto dos velhos e, enquanto observa a desordem, se pergunta se os assassinos eram simples ladrões ou se procuravam algo que talvez tenham encontrado; ou talvez não.

Em seguida, vai ao outro quarto que tinha as portas abertas e descobre mais um cadáver – este, de uma mulher de cabelo cor de palha, pele muito branca e ossos grandes, sentada no chão ao lado da cama desfeita, com as costas apoiadas na parede e a cabeça caída sobre o ombro. A morta está usando uma camisola creme e um robe azul e tem os olhos abertos como se tivesse visto o diabo e um orifício do tamanho de uma moeda de dez centavos na testa, de onde desce para o nariz e para a boca um fio perpendicular de sangue seco. Melchor inspeciona os quatro cômodos restantes – uma sala de estar e três quartos –, mas não descobre nada anormal neles. Então, sobe ao terceiro andar, o do sótão, e o examina; logo percebe que ali os intrusos não chegaram e, ao olhar por uma janela e ver que já há cinco carros estacionados na entrada da chácara, decide descer.

O sargento Blai e o cabo Salom estão observando os cadáveres dos idosos quando Melchor se junta a eles no primeiro andar. Três companheiros da polícia científica preparam, em silêncio, atrás dos dois, seu equipamento e seus instrumentos de trabalho. Ao avistar Melchor, Blai lhe pergunta:

— Mais algum morto?

O sargento fez quarenta e cinco anos, mas aparenta menos. Está usando um jeans ajustado e uma camiseta listrada que lhe marca os bíceps e os peitorais e, sob a careca, seus olhos azuis, diretos e diáfanos observam o massacre com um misto de incredulidade e nojo.

— Um — responde Melchor. — Uma mulher: mataram com um tiro, mas não torturaram.

— Deve ser a empregada romena — supõe Blai. — Diz a cozinheira que ela dormia na casa.

— O quarto dos velhos está de cabeça para baixo — continua Melchor. — Bom, acho que é o quarto deles. No chão tem restos de celulares, que tiveram o cuidado de quebrar. Viram as marcas de pneus no jardim?

O sargento Blai assente sem desviar seu olhar dos Adell.

— É a única coisa que me estranha — diz Melchor. — Todo o resto cheira a profissionalismo.

— Ou a psicopatia — sugere Blai. — Para não dizer satanismo. Quem faria uma coisa dessas?

— Foi a primeira coisa em que pensei quando entrei — admite Melchor. — Em um ritual. Mas já descartei.

— Por quê? — pergunta Blai.

Melchor dá de ombros.

— Não forçaram a porta — responde. — Desconectaram as câmeras e os alarmes. Quebraram os celulares e levaram os chips para que não vejamos as chamadas dos velhos. E os torturaram conscientemente. Um trabalho de especialistas. Poderia ter sido um roubo, podem ter levado joias e dinheiro... Se bem que não vi nenhum cofre. Mas essa matança combina com um roubo? Talvez estivessem em busca de alguma coisa e, por isso, os torturaram.

— Talvez — diz o sargento Blai. — De qualquer forma, o fato de serem profissionais não significa que não sejam psicopatas. Nem que não tenha sido um ritual. O que você acha, Salom?

O cabo parece hipnotizado pelos cadáveres dos dois velhos, aparentemente incapaz de acreditar no que seus olhos veem. A comoção arrebatou seu ar sossegado de costume: está um pouco pálido, um pouco desfigurado, e respira pela boca; um tremor levíssimo lhe es-

tremece o lábio superior. Tem a barba cheia, o corpo rechonchudo e uns óculos já fora de moda; tudo isso o faz parecer muito mais velho que Blai, apesar de só ter alguns anos a mais.

— Eu também não diria de cara que é coisa de profissionais — responde. — Talvez você tenha razão, podem ser uns malucos.

— Você os conhecia? — pergunta Blai.

— Os velhos? — pergunta Salom, por sua vez, apontando vagamente para os corpos mutilados. — Claro. A filha e o genro deles são amigos meus. Desde sempre. — Dirigindo-se a Melchor, acrescenta: — Sua esposa também os conhece.

Faz-se um silêncio, durante o qual Salom consegue, por fim, controlar o tremor do lábio. O sargento Blai suspira, resignado, antes de anunciar:

— Bom, vou ligar para Tortosa. Nós, sozinhos, não podemos nos encarregar disso.

Enquanto o sargento fala com a Unidade de Investigação Territorial de Tortosa, Melchor e Salom ficam mais um tempo observando a chacina.

— Sabe em que estou pensando? — pergunta Melchor.

Salom está se recompondo pouco a pouco. Ou é a impressão que dá.

— Em quê? — responde.

— No que você me disse no dia em que cheguei aqui.

— O que eu disse?

— Que na Terra Alta nunca acontece nada.

Com a ajuda de dois companheiros do grupo de investigação, Melchor descobre que todos os alarmes e as câmeras de vigilância da casa estavam desligados havia um dia e meio, sendo desconectados às dez horas e quarenta e oito minutos da noite da sexta-feira; nesse momento, um agente coloca a cabeça pela porta da antiga despensa convertida em sala de segurança.

— Chegou de Tortosa o subinspetor Gomà — diz a Melchor. — Barrera e Blai querem que você desça.

São nove da manhã e, na chácara dos Adell, já se encontra toda a Unidade de Investigação da Terra Alta, dirigida pelo sargento Blai, e

meia delegacia, incluindo seu chefe, o subinspetor Barrera. Àquela altura já faz algumas horas que, na casa isolada, reina um frenesi silencioso de agentes uniformizados e à paisana que vão de um lado para o outro, fuçam, conversam, trocam informações, tomam notas, tiram fotografias, filmam, buscam impressões digitais ou põem cartões numerados nos pontos onde encontram ou acreditam ter encontrado indícios, tratando de preservar intacta a cena do crime e de isolar ou desvendar as pistas úteis para resolvê-lo. No portão da chácara, faz algum tempo que dois homens fardados bloqueiam a passagem dos curiosos e dos jornalistas que, em número cada vez maior, se aglomeram ali. A manhã se anuncia quente e úmida; no céu acinzentado do nascer do dia, surgiram algumas nuvens carregadas, que ameaçam chuva.

Na sala do primeiro andar, o subinspetor Barrera e o sargento Blai conversam com um homem que, deduz Melchor, deve ser o subinspetor Gomà, novo chefe da Unidade de Investigação Territorial de Tortosa. Ao lado dele está uma mulher de uns trinta anos e semblante duro, magra, de cabelo curto, escuro e cacheado, que tem um iPad em mãos e um coração vermelho atravessado por uma flecha tatuado na clavícula. É a sargento Pires. Melchor a conhece de alguma reunião em Tortosa, mas nunca havia reparado naquela tatuagem – ou talvez ela tenha feito há pouco tempo. Os quatro oficiais observam os cadáveres martirizados dos velhos enquanto vários agentes da polícia científica, com macacão branco, luvas e protetores de sapato azuis e máscara verde, circulam por ali, concentrados em seu trabalho, em silêncio ou sussurrando. Melchor fica a alguns passos deles, certo de que o subinspetor Barrera e o sargento Blai estão dando tempo para os recém-chegados processarem aquela cena macabra, e se pergunta se eles também passariam horas observando os mortos. O sargento Blai está detalhando os suplícios a que parecem ter sido submetidos os Adell, como se não estivessem à vista de todos, até que de repente nota a presença de Melchor. Blai o apresenta ao subinspetor Gomà, que aperta a mão dele com um misto de curiosidade e desconfiança.

- O senhor foi o primeiro investigador a chegar aqui?
- Sim — diz Melchor. — Estava de plantão quando me avisaram.
- Conte-me o que sabe.

Melchor começa a contar enquanto ambos dão as costas aos cadáveres e se afastam para o centro da sala, seguidos pelos outros. Perto deles, a sargento Pires faz anotações em seu iPad e o sargento Blai suaviza ou intensifica de vez em quando o relato de Melchor, mas não o contradiz. Quando Melchor termina de falar, o subinspetor Gomà reflete um momento e pede para o subinspetor Barrera e o sargento Blai deixarem um par de homens na entrada da chácara e reunirem o restante do efetivo no andar de baixo.

Cinco minutos depois, forma-se uma roda de policiais em volta do subinspetor Gomà e do subinspetor Barrera no saguão do térreo, e Gomà se dirige a eles. Fala para todos, mas em especial para os membros da polícia científica. O subinspetor promete que será muito breve. Diz que são imensas a importância daquele caso e a repercussão que, cabe supor, terá na imprensa. Diz que todos estão atentos. Diz que terão dias de muito trabalho pela frente, que eles sozinhos não vão dar conta e que durante a manhã inteira chegarão reforços de Tortosa. Diz que é indispensável preservar ao máximo a cena do crime e que, por isso, além da polícia científica, quanto menos gente for aos andares superiores, melhor. Diz que os membros da polícia científica devem se dividir entre as zonas da casa e examiná-las até o último canto, milímetro por milímetro, de maneira que não escape nem um único indício, por menor que seja, por mais insignificante que pareça. Aponta para a sargento Pires e diz que ela estará encarregada de conduzir a investigação e de redigir o atestado, e que precisa que um policial científico da Terra Alta centralize a coleta de provas a fim de entregá-las a ela. Gomà interroga o sargento Blai com o olhar.

— Sirvent? — pergunta Blai, apontando para um policial que mostra sua cara ovalada e seu olhar atento pela abertura facial do macacão. — Você se encarrega?

Sirvent diz que sim. Satisfeito, o subinspetor Gomà dá uma olhada ao redor, como se quisesse analisar todos os subordinados. É um homem de estatura mediana, de olhos frios e cabelo grisalho impecavelmente penteado e dividido à esquerda; está usando um terno de brim bege, uma camisa branca e uma gravata marrom, e seus óculos, pequenos, quadrados e sem aro, lhe dão um leve ar intelectual.

— Isso é tudo — termina o subinspetor. — Insisto, qualquer detalhe importa. Se tiverem alguma dúvida, perguntem. Está claro? — Todo mundo concorda. — Então, vamos em frente.

O grupo se dispersa pelo casarão em um burburinho, mas o subinspetor Gomà ordena a Melchor que espere.

— Diga-me uma coisa — pede Gomà, uma vez que ficaram só eles, o subinspetor Barrera, a sargento Pires e o sargento Blai. — Por que acha que foi ação de profissionais?

— Porque não cometeram erros — responde Melchor. — Pelo menos à primeira vista. O único é o dos pneus.

— São Continental — intervém Blai. — Mas não acho que possamos descobrir que tipo de carro era.

— Talvez não seja erro — sugere Gomà. — Quer dizer — ele se apressa para esclarecer —, me parece um erro evidente demais para ser um erro. Talvez tenha sido feito de propósito, para nos despistar.

A observação do subinspetor provoca um silêncio. Quem o rompe é o sargento Blai.

— Eu não acho tão óbvio que seja coisa de profissionais — discorda.

— Eu também não — apoia o subinspetor Barrera. — Além disso, está cheio de digitais.

— Aposto que a maioria é das vítimas — diz Melchor. — Ou de familiares.

— E por falar em familiares — intervém o subinspetor Gomà —, eles já foram avisados?

— Ainda não — diz Blai.

— E o que estamos esperando? — pergunta Gomà. — Quando avisarem, peguem as digitais deles. E depois as de todas as pessoas que estiveram na casa nos últimos dois dias. Assim poderemos distingui-las das dos assassinos. Se é que encontraremos alguma.

A sargento Pires transcreve em seu iPad as ordens do subinspetor, e o sargento Blai vira de um lado para o outro, procurando alguém com o olhar; como não encontra, abandona a sala. Sem dizer palavra, o subinspetor Gomà se dirige ao andar de cima e pede a Melchor que o acompanhe; atrás deles sobem o subinspetor Barrera e a sargento Pires. Ao chegar à sala onde estão os cadáveres, Gomà passa um

momento olhando para eles e, então, aponta para uma poça de matéria pastosa no chão.

— Alguém poderia me explicar o que é isso? — pergunta.

— O patrulheiro que entrou comigo vomitou — responde Melchor.

— Não foi o único — adverte o subinspetor Barrera. — Só que alguns foram mais discretos.

O subinspetor Gomà observa com uma ponta de ironia seu companheiro, que afasta o olhar, descontente.

— Deveriam ter me avisado — lamenta-se Barrera, acariciando o ventre. — Eu tinha acabado de tomar café e botei tudo para fora.

O chefe da delegacia da Terra Alta ordena que limpem a poça, mas se desdiz antes que Gomà lhe recorde que não devem tocar nada naquela sala até que a polícia científica tenha terminado o trabalho. O sargento Blai volta a se juntar a eles.

— Vou montar uma equipe de investigação — anuncia o subinspetor Gomà. — Nós colocamos cinco homens, mais a sargento. Preciso que vocês me emprestem outros dois.

— Todos de que precisar — diz o subinspetor Barrera.

Gomà aponta para Melchor.

— Um é este rapaz — diz. — E quero outro que conheça bem a comarca. E que more aqui.

— Já sei quem seria ideal — diz o sargento Blai. — É amigo da família.

— Dos Adell?

— Sim.

— Diga para vir.

— Acabei de ordenar que fosse lhes dar a notícia.

— Que volte.

Blai se afasta do grupo outra vez para falar ao telefone e volta em seguida. Pouco depois, aparece Salom. O subinspetor Gomà o cumprimenta com um aperto de mão, aponta para os cadáveres dos velhos e pergunta se ele os conhece.

— Na Terra Alta todo mundo os conhece — diz Salom. — É um lugar pequeno.

— Pessoalmente, quero dizer.

— Sim — assente Salom. — Eu nasci em Gandesa e quase sempre morei aqui, assim como eles. Bom, como ele; ela nasceu fora, apesar de ter morado na Terra Alta desde sempre. Mas sou mais próximo da filha e do genro deles. Principalmente do genro. Somos bons amigos.

— Não tinham mais filhos?

— Não. Nem mais parentes diretos. Que eu saiba.

O subinspetor Gomà lhe pergunta se é verdade que a família Adell é a mais abastada da comarca. Salom volta a assentir.

— O velho era um empresário de primeiro nível — diz. — É dono de meia Gandesa. E da gráfica Adell, claro.

— Fabricam embalagens de papel — intervém o subinspetor Barrera. — Formas para *muffins*, bandejas para bolos, cartolinas, caixas de ovos, papéis de bombons e pacotes de biscoitos. Coisas assim. É a empresa mais poderosa da Terra Alta.

— A fábrica principal fica no polo de La Plana, nos arredores de Gandesa — acrescenta Salom. — E as filiais, em países do Leste Europeu e da América Latina.

— Quem cuidava de tudo isso? — pergunta o subinspetor Gomà.

— Quem mandava? — pergunta, por sua vez, Salom, ao que Gomà assente. — O velho — responde o cabo. — Há um gerente que sempre esteve com ele e que tem muita influência e controla tudo. E o genro é diretor-executivo.

— O genro é seu amigo — recorda Gomà.

— Sim — diz Salom. — Albert Ferrer. Mas quem mandava era o velho. Ele continuava tomando todas as decisões importantes.

— Que idade ele tinha? — pergunta Gomà.

— Não sei — responde Salom. — Menos de noventa anos, com certeza, não.

O subinspetor ergue as sobrancelhas, curva os lábios e balança um pouco a cabeça, impressionado com a informação. Então se vira para os cadáveres, como se precisasse se assegurar de que continuam ali. A sargento Pires faz o mesmo; deixou de tomar notas e observa Gomà, ansiosa. A alguns passos do grupo, o subinspetor Barrera e o sargento Blai conversam. Melchor repara na tatuagem da clavícula da sargento e percebe algo escrito, embora não consiga ler.

— Quero um relatório completo sobre as empresas da família — pede, de repente, o subinspetor Gomà. Ele fala para a sargento, que volta a escrever. — Para a reunião de hoje à tarde. A que horas você marcou?

— Às cinco — responde ela, sem levantar o olhar de seu iPad.

— Acha que vai dar tempo? — pergunta Gomà. Pires garante que sim, e o subinspetor acrescenta, apontando para Melchor e Salom: — Quero vocês dois lá também. Na delegacia, quero dizer.

Melchor e Salom concordam.

— Diga-me outra coisa — continua Gomà, dirigindo-se a Salom. — Os Adell deviam ter muitos inimigos, não? — A pergunta parece desconcertar o cabo, e o subinspetor esclarece: — Gente que quisesse o mal deles. Gente que os odiasse.

— Não acredito que tivessem muitos — responde Salom. — Por que diz isso?

— Porque pessoas ricas costumam ter — explica Gomà. — Quanto mais ricas, mais inimigos.

— Não acredito que fosse o caso dos Adell — diz Salom, com uma expressão cética. — Pelo menos aqui, na Terra Alta. Pense que eles proporcionavam trabalho para muita gente, que metade da comarca trabalha para eles. Além disso, eram pessoas muito religiosas. Faziam parte do Opus Dei, embora tratassem disso com muita discrição. Eram assim, discretos. E austeros. E se relacionavam com todo mundo. E ajudavam as pessoas. Então, acho que aqui eles eram queridos. Assim como a família deles.

O subinspetor Barrera e o sargento Blai apoiam o parecer do cabo com informações e impressões pessoais que a sargento Pires também parece anotar ou resumir em seu iPad. Quando a troca de opiniões se dissipa, Salom comenta:

— Bom, eu deveria avisar a família.

— Vá lá — incentiva o subinspetor Gomà. — E não se esqueça de pegar as digitais de todos. Blai, ligou para o juiz?

— Logo depois de ligar para o senhor — responde Blai. — Ele pediu para avisar quando estivermos prontos.

— Então já pode avisar.

O sargento Blai se dirige a um canto já examinado pela polícia científica para falar ao telefone a sós e passa por um agente que procura o subinspetor Barrera, que, após escutar seu recado, se desculpa e sai da sala com ele. O subinspetor Gomà, por sua vez, se põe a dar instruções à sargento Pires; nesse momento, Melchor decide continuar seu trabalho. Antes que se afaste, Gomà o detém outra vez.

— Espere — diz. — Nós ainda não terminamos.

Melchor aguarda. Enquanto isso, dois membros da polícia científica de Tortosa irrompem no salão carregando suas malas, ficam alguns segundos paralisados diante dos cadáveres dos Adell e, então, se dirigem a Sirvent e dialogam com ele enquanto terminam de colocar o macacão, as luvas, os protetores de sapato e a máscara. Bem perto de Melchor, uma companheira da polícia científica permanece alguns minutos passando um pincel por um aparador em busca de impressões digitais. Quando toca o telefone da sargento Pires, o subinspetor Gomà diz para ela atender.

— Um minuto — a sargento se desculpa, levantando o indicador. — É López, da imprensa.

O subinspetor Gomà pega Melchor pelo braço e o leva até um canto da sala, perto da escada que leva ao segundo andar.

— Barrera e Blai me contaram quem você é — diz, deixando as formalidades sem aviso prévio.

Gomà soltou o braço dele; atrás das lentes dos óculos, seus olhos frios ficaram gelados, inquisitivos. Melchor adivinha a que o subinspetor se refere, mas se limita a sustentar o olhar.

— Eu tinha ouvido falar muito de você — confessa Gomà. — Quanto tempo se passou desde os atentados? Quatro anos? Cinco?

Melchor responde que quatro.

— Aquilo foi ótimo — prossegue o subinspetor, voltando a balançar a cabeça. — Tem que ter colhões para fazer uma coisa daquelas. Parabéns. — Ele tira os óculos, umedece as lentes com o hálito e, enquanto usa a ponta de um lenço para limpar, pondera: — Mas nem tudo o que dizem sobre você é bom assim. Sabe disso, não é?

Melchor sabe, é claro, porque sabe que, sobretudo desde que chegou à Terra Alta, circularam muitas histórias sobre ele, a maior

parte falsas. Por um momento, pensa nas verdadeiras e está prestes a responder a Gomà que sabe, sim, embora só para acrescentar que ele já não é o que era, que naqueles quatro anos mudou, que agora tem esposa e filha e leva uma vida diferente. Mas, como tem certeza de que não conseguirá dizer isso ao subinspetor de forma adequada e por não querer confusão, ele se cala.

Gomà deixa transcorrer alguns segundos e coloca os óculos.

— O que quero dizer é: não confunda — explica, olhando Melchor cara a cara. — Tem gente que se esquece de que se trata de um trabalho em equipe. Eu, não. Tenho isso sempre em mente. Espero que você também, pelo menos enquanto estiver comigo. Você viu que eu o escolhi para me ajudar neste assunto. Isso significa que confio em você. Disseram que posso confiar, espero não me decepcionar. Seja como for, na minha equipe quero que você seja mais um. Só isso. Mais um. Entendeu?

Melchor assente.

— É importante que você compreenda — insiste Gomà. — Se não compreender, me diga. Eu o afastarei do caso e tudo certo. Será a melhor coisa. Para você e para mim. E para o caso.

Melchor concorda outra vez. Um sorriso satisfeito arreganha os dentes do subinspetor.

— Maravilha — diz. — Fico feliz que a gente tenha se entendido.

A sargento Pires terminou de falar pelo telefone alguns segundos antes e, desde então, espera a uma distância discreta o fim do conciliábulo entre os dois homens. Agora se aproxima deles, mas, antes que ela chegue, o subinspetor Gomà volta a falar de maneira mais formal, consciente de que a sargento voltou a escutá-los.

— Se estive de plantão na noite passada, não deve ter dormido — diz a ele.

— Não — reconhece Melchor.

— Espere o juiz chegar — pede o subinspetor. — Quero que conte a ele o que contou a mim. Depois, vá comer alguma coisa e descansar um pouco. Preciso do senhor revigorado à tarde.

A comitiva judicial comparece à chácara pouco antes das onze da manhã. Advertidos da presença deles por um agente, os subinspetores

Gomà e Barrera recebem o grupo no jardim, acompanhados dos sargentos Blai e Pires. Melchor e Salom os observam a distância, da porta da casa. Integram a comitiva o forense, o secretário do juizado e o juiz, um homem obeso, bochechudo e quase careca, que segura a calça com suspensórios e que, após conversar com Gomà por alguns minutos, põe-se a andar encabeçando o grupo até a cena do crime. Ao passar ao lado de Melchor e Salom, Gomà lhes ordena, com um gesto, que se juntem a eles. Eles obedecem e, desse modo, quando entram na sala onde se encontram os dois cadáveres, contemplam a reação desigual dos recém-chegados ao horror que os aguarda ali: enquanto o juiz – ainda ofegante devido ao esforço de subir as escadas a pé e secando o suor do rosto com um lenço branco – observa imóvel, com os olhos fora de órbita e a boca pasmada, mais ou menos como o secretário do juizado, o forense, absorto em uma pachorra profissional, se prepara para trabalhar, esquadrinhando aquela bestialidade como se não fosse um forense, mas um matemático, e o que tivesse adiante não fossem dois corpos massacrados, mas uma dupla equação de segundo grau.

— Puta que pariu — exclama, por fim, o juiz. — Que porra é essa?

Pouco depois, quase sem dar tempo para que o magistrado e o secretário se recomponham do sobressalto, inicia-se o levantamento dos cadáveres. Protegido com luvas azuis e jaleco cinza, o forense começa a examinar os restos dos Adell, e o juiz, ainda secando as têmporas com seu lenço, pede ao subinspetor Gomà que lhe explique o que sabem, com todos os detalhes.

— Prefiro que peça para ele. — Gomà aponta para Melchor. — Foi quem chegou primeiro.

O juiz repara em Melchor. Os dois homens se encontram com certa assiduidade no juizado, mas Melchor não está seguro de que o juiz o conheça por nome.

— Conte-me, filho — diz o juiz. — Sou todo ouvidos.

Assim que enfia a chave na fechadura, Melchor ouve um grito dentro da casa. Segundos depois, está com a filha nos braços, pendurada em seu pescoço, enchendo-o de beijos e ofegando como se tivesse acabado de correr os cem metros rasos. Sem sequer o cumprimentar, Cosette tenta

lhe contar alguma coisa, que Melchor não entende; depois compreende que ela quer saber se pode ir à casa de uma amiga.

— Por favor, papai!

Acabam de entrar na cozinha. Melchor interroga a esposa com o olhar.

— Encontramos Elisa Climent na praça — responde Olga. — Estava com a mãe e a convidaram para brincar na casa delas.

Melchor finge surpresa.

— É mesmo? — pergunta.

— Sim! — exclama Cosette. — Posso ir, papai?

Agora Melchor finge hesitar.

— Não sei, mocinha — diz.

— Por favor, papai! — implora Cosette, agitando-se em seus braços.

— Por favor, por favor, por favor!

Melchor deixa escapar a risada.

— Tudo bem — diz, por fim; e, em um acesso de gratidão, Cosette lhe dá um beijo na bochecha. — Mas com uma condição.

Cosette afasta um pouco o rosto e olha para ele, inquieta.

— Qual? — pergunta.

— Que você me dê um beijo.

Cosette solta um sorriso radiante, que ilumina seu rosto.

— Mas eu já dei!

— Outro.

Cosette lhe dá mais um beijo.

— Mais forte — diz Melchor.

Com todas as forças, Cosette amassa sua boca contra a bochecha do pai.

— Mais forte — repete Melchor.

Irritada, Cosette faz bico.

— Mãe, olha o papai! — protesta.

Melchor deixa a filha no chão e lhe dá uma palmada no bumbum. Sobre a mesa da cozinha, dois pratos manchados com restos de macarrão, um copo vazio, uma taça de vinho tinto pela metade e uma garrafa d'água também pela metade.

— Vocês já comeram? — pergunta Melchor.

— Claro — responde Olga. — Não sabíamos a que horas você voltaria, e Elisa e a mãe dela devem estar para chegar. Mas deixamos um pouco para você.

— Ainda bem — diz Melchor. — Se não tivesse comida... — Ele se agacha e solta um rugido de fera ao mesmo tempo que mostra os dentes, estica seus braços ameaçadores para Cosette e converte os dedos em um simulacro de garras. — Eu comeria vocês duas.

Cosette dá um grito e, assustada e trêmula, dando risada, corre para se esconder atrás da mãe. Melchor também ri, encantado com o susto que acaba de dar na filha, que espia com um olho vigilante por trás das pernas da mãe.

— Você deve estar morrendo de fome e de sono — diz Olga.

— Mais ou menos — diz Melchor, levantando-se. — Bom, vou tomar um banho.

Enquanto está se ensaboando, ouve a campainha da casa e, quando volta para a cozinha de pijama, Cosette já não está; na mesa, esperando por ele, há um prato fumegante de macarrão com molho à bolonhesa e uma lata de Coca-Cola gelada.

— Que horror isso dos Adell! — exclama Olga.

— Como você soube? — pergunta Melchor.

— Como eu não saberia? A cidade está uma loucura, a notícia está em todos os cantos. Não se ouvia falar tanto na Terra Alta desde a guerra civil, com a Batalha do Ebro. Sabem quem pode ter sido?

— Nem ideia.

— Vocês não têm nenhuma pista?

— Nenhuma. Mas não se preocupe. Vamos encontrá-los.

Sentada de perfil diante dele, com as costas apoiadas contra a parede e as pernas cruzadas, Olga lhe conta o que escutou na rádio de manhã enquanto termina, gole por gole, sua taça de vinho. Está usando uma blusa branca e um jeans gasto e tem o cabelo liso e escuro, não muito comprido, preso na nuca com uma presilha. Melchor a escuta, empurrando de vez em quando os macarrões com grandes goles de Coca-Cola, disfrutando de como ela se expressa bem, maravilhado de ter só para ele uma mulher como aquela: linda, educada, generosa.

Aos quase trinta anos, Melchor sente com frequência que, desde que conheceu Olga, sua vida não é aquela para qual estava destinado, pois sua mãe o gerou para a existência sórdida que levou até chegar à Terra Alta, e que, desde então, está usurpando uma vida alheia, luminosa, infinitamente melhor que a que lhe correspondia. Às vezes tem pesadelos com sua vida anterior, acorda encharcado de suor no meio da madrugada e, após um instante de pânico, com um alívio indescritível, percebe que está ali, em sua casa de Gandesa, com a esposa que dorme com ele e a filha ali perto, do outro lado do corredor. De volta à realidade, acaricia o corpo de Olga, levanta-se da cama, entra no quarto de Cosette, vela seu sono durante alguns segundos, dirige-se à cozinha, fecha as portas e, caminhando de um lado para o outro e gesticulando sem parar, passa um tempo gritando para si mesmo em silêncio, na quietude total da madrugada, que é o homem mais feliz do mundo.

Melchor deixa Olga falar, concordando de vez em quando, de vez em quando tentando adoçar, diminuir ou mascarar a truculência do que ocorrera na chácara dos Adell, ou do que alguns jornalistas contam que ocorreu, e, em determinado momento, pergunta se ela os conhecia.

— Claro — responde Olga. Está segurando a taça de vinho pela haste de vidro e a faz girar lentamente sobre si mesma, concentrada.

— Principalmente a filha, que se chama Rosa, é bem mais velha que você. Tem minha idade. Quando éramos pequenas, íamos juntas para a escola, éramos quase vizinhas. Conheço o marido dela também.

— É amigo de Salom — diz Melchor.

— Sim, muito amigo. — Olga ergue o olhar para dar razão a Melchor, e sua taça deixa de girar. — Eles são como o dia e a noite, mas moraram juntos em Barcelona quando estudavam, então se tornaram amigos. Eu tive mais relação com ela. Meu pai e o pai dela também eram amigos. Bom, foram amigos durante uma época, quando nós éramos crianças, depois pararam de se falar. Meu pai contava que Adell era órfão, pelo visto mataram o pai dele na guerra, e ele teve que se virar sozinho. — Olga leva a taça aos lábios e dá outro gole. — Quando era pequeno, ele ganhava a vida colhendo cartuchos

nas serras, como meu pai e muita gente na comarca, pois, após a guerra, o campo estava semeado de cartuchos. Depois Adell virou sucateiro e, nos anos 1960 ou 1970, comprou por uma pechincha uma empresa de artes gráficas falida. Aí começou a fazer a fortuna dele. Mas, claro, não foi de um dia para o outro, ele não tirou a sorte grande. Trabalhava como um louco, dia e noite, sábado, domingo e feriado; era um homem bastante ambicioso, queria prosperar, ser alguém, era o que meu pai dizia. Também dizia que era bem esperto. Assim transformou a gráfica Adell na empresa mais poderosa da comarca. Não recebeu nada de mão beijada.

— Por que seu pai e ele pararam de se falar?

Olga dá de ombros.

— Não sei, meu pai nunca me contou. O que eu sei é que ele era um cara peculiar. Você deve ter ouvido dizer que era muito católico.

— Melchor faz que sim, enquanto espeta macarrões com o garfo. — Bom, é verdade, mas meu pai sempre contava que, quando eles eram amigos, Adell lhe dizia: “Olha, Miquel, no dia em que eu não ferro ninguém, não sou feliz”.

Olga sorri, pela frase de Adell ou pela lembrança do pai, e uma finíssima rede de rugas brota na abertura de seus lábios. Enquanto mastiga, Melchor recorda quando conheceu sua esposa, ao chegar à Terra Alta, e um calafrio como uma pontada de desejo percorre sua espinha.

— Mas as pessoas daqui gostavam deles, não? — pergunta. — Dos Adell, digo.

— Quem disse isso?

— Salom.

Olga inclina a cabeça e entrecerra os olhos, hesitante.

— Pelo menos eles geram trabalho para muita gente — insiste Melchor.

— Sim, mas que tipo de trabalho? — pergunta-se Olga, que descruza as pernas, olha Melchor de frente e afasta a taça para o lado, para que nada se interponha entre eles. — Os salários que pagam são baixíssimos, porque fazem acordos com os outros empresários da comarca, e suas fábricas nem sequer têm conselho diretor. Quem quer

ficar na Terra Alta tem que se conformar com a miséria que eles dão. Isso você sabe melhor que eu. Quantos trabalhadores estrangeiros há hoje na Terra Alta para cada trabalhador daqui?

— Três ou quatro — responde Melchor. — A maioria de romenos, e muitos ilegais.

— Ou seja — explica Olga —, gente pobre disposta a trabalhar por um salário três vezes menor que os daqui.

— E, apesar disso, os daqui não vão embora.

— Claro que não. Porque na Terra Alta nós somos conservadores, eu lhe disse isso mil vezes. Quem nasceu aqui não quer ir embora, quer continuar aqui. E, se vamos, voltamos, como Salom ou como eu. Ou como os Adell, que poderiam morar em qualquer lugar, mas seguem aqui. Claro que os Adell são ricos. Mas não importa, somos todos assim. Este é um lugar pobre, com pouco dá para ir levando.

Olga se levanta, se serve de um pouco mais de vinho e toma num gole só, encostada na porta da geladeira.

— Olha, Melchor — prossegue. — Os Adell são como uma árvore que dá muita sombra, mas não deixa crescer nada em volta. Eles controlam tudo. Têm propriedades por toda a Terra Alta, e meia Gandesa é deles, então proporcionam trabalho para as pessoas, vendem as casas onde elas moram e até os móveis que colocam dentro... De quem você acha que é a Móveis Terra Alta? Enfim, a verdade é que Adell era um mandachuva. Isso não é falar mal dele, é descrevê-lo.

— Você está dizendo que tem gente que vai ficar feliz com o que aconteceu?

— Não, estou dizendo o que estou dizendo. E o que estou dizendo é a verdade. Salom também sabe disso. Fale com os trabalhadores da Adell e vai ver. Não vão dizer que ele era má pessoa nem que os maltratava, porque com certeza ele não fazia isso. Muito pelo contrário, todo mundo diz que era um velho bastante simpático. Mas aposto que reconheceriam que os explorava. — Olga aponta com sua taça vazia o prato vazio de Melchor. — Quer mais macarrão?

Melchor faz que não com a cabeça, e Olga pergunta se ele quer que ela passe um café. Melchor volta a dizer que não.

— Quero é dormir um pouco — diz, apontando para o relógio de parede em forma de maçã, que marca duas e meia. — Tenho que estar na delegacia às cinco.

Tiram a mesa juntos e deixam os pratos, os talheres e a taça de vinho na pia. Olga se agacha para jogar a lata de Coca-Cola em um saco em que há uma caixa tetrapack e algumas garrafas de plástico. Quando ela se levanta, Melchor a pega pela cintura, beija seu pescoço, busca sua boca, encontra. Olga se afasta, dizendo:

— Vamos, pare de ser chato e vá dormir.

Melchor sorri, pega a mão dela e leva ao meio de suas pernas.

— É bem melhor dormir depois de uma boa foda.

— Caramba, policial... — Olga ri. — Você sempre pronto para parar.

TUSQUETS
EDITORES